

Como viver no deserto sem transformar em deserto a própria vida

Wilson Antonio Frezzatti Junior*

Resumo: Este artigo, por meio de “Nietzsche por Heidegger: contrafiguras para uma perda”, pretende apresentar ao público brasileiro aspectos importantes da interpretação que Cragnolini faz da filosofia de Nietzsche. Ao criticar a via interpretativa de Heidegger, a autora põe em evidência os aspectos criativos e antimetafísicos do pensamento de Nietzsche: simultaneamente a um movimento estruturador da realidade (racional), há um movimento artístico de recriação (imaginação).

Palavras-chave: metafísica – niilismo – razão imaginativa – razão instrumental

“A impossibilidade de penetrar o esquema divino do universo não pode, contudo, dissuadir-nos de planejar esquemas humanos, mesmo sabendo que eles são provisórios.” (“O idioma analítico de John Wilkins”, Jorge Luis Borges)

“E se todos eles fossem apenas minhas sombras? Não fui eu quem povoei todas essas páginas com eles – há bem pouco tempo apenas desertos brancos e retangulares? Sem mim, será que seriam visíveis àqueles que conduzirei ao longo das trilhas estreitas das linhas?” (Nós, Eugene Zamiatin)

* Doutorando do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Heidegger é um dos principais e mais profícuos e conseqüentes comentadores da filosofia nietzschiana, mas também, talvez, o mais polêmico. Teria sido Nietzsche o último dos metafísicos? Nietzsche teria aberto o caminho para o domínio do mundo através da razão instrumental? Apesar das críticas à metafísica e à cultura “filistéia” alemã (a qual privilegiaria uma educação “técnica” em detrimento de uma visão estética e trágica do mundo) encontradas em vários excertos do autor de *Para além de bem e mal*, a interpretação heideggeriana, baseada em uma certa leitura da vontade de potência, aponta Nietzsche como responsável por disponibilizar o homem e a natureza como “matéria-prima” para a ação da tecno-ciência. Parece não ter sido considerado, por essa interpretação, que o perscrutar nietzschiano apontou a metafísica onde menos se esperava que ela estivesse alojada: na própria ciência. Esses possíveis “equivocos” (admitamos por ora como equívocos) por parte de Heidegger talvez se dissolvessem através do esclarecimento do sentido do termo “metafísica” nos dois autores. No entanto, Cragolini escolhe outra estratégia, mais afeita ao texto nietzschiano: desmonta a estrutura da interpretação heideggeriana utilizando não apenas conceitos da própria filosofia nietzschiana, mas também a concepção nietzschiana do significado desses conceitos (Cragolini 2).

O primeiro passo dado pelo texto “Nietzsche por Heidegger: contrafiguras para uma perda” consiste em precisar qual das interpretações de Heidegger sobre a filosofia nietzschiana está em foco. São consideradas três etapas interpretativas: a) numa primeira etapa (1936-1937), Nietzsche é visto como “inversor” do platonismo, embora não repita o esquema platônico; b) entre 1940 e 1946, a filosofia nietzschiana, além de ser uma “metafísica platônica invertida”, é vista como aprofundadora do niilismo; e c) a partir de 1950, o além-do-homem é aproximado à arte. É da segunda etapa que Cragolini investiga os argumentos que Heidegger lançou mão

para estabelecer Nietzsche como metafísico, aprofundador do niilismo e anunciador da razão instrumental.

Dissemos que Heidegger *estabeleceu* Nietzsche como metafísico, aprofundador do niilismo e anunciador da razão instrumental: aqui está um dos pontos centrais da perspectiva que nos é apresentada pelo texto. É justamente nesse estabelecimento, nessa fixação de conceitos da interpretação que a autora aponta o equívoco de Heidegger. Apesar de atento à súplica de Nietzsche para ser perdido após ter sido encontrado (carta a Georg Brandes de janeiro de 1889), Heidegger a entende como pensar o não-pensado do pensamento nietzschiano. A autora, no entanto, indica-nos um sentido de “perda” que esse pensar heideggeriano desprezou: a “perda” nietzschiana supõe que a filosofia não é um sistema de certeza e dogmas, mas interpretação – não há um caminho para a “verdade”, não há fundamentos sólidos em que possamos “segurar”. O que poderia se converter na “saída” da metafísica da subjetividade transforma-se, por meio do não-pensado heideggeriano da filosofia nietzschiana, no último elo da história dessa metafísica.

Três figuras, extraídas do próprio pensamento nietzschiano, são contrapostas às três figuras que aparecem na interpretação heideggeriana em questão: são contrafiguras que pretendem mostrar que Nietzsche aponta para outras possibilidades do pensar.

À figura de “aquele que abriga desertos” de Heidegger é contraposta a figura do viajante que atravessa desertos, sem neles se fixar. Aqui deserto é a ausência do pensar, que na reflexão heideggeriana é causado pelo pensar unilateral da tecno-ciência. A vontade de potência (*Wille zur Macht*), na interpretação heideggeriana, é uma vontade calculadora de valores, o que significa considerar o ser como valor: valor, para Heidegger, é “nada de ser”. Teríamos, portanto, na vontade de potência, o ponto de partida para a “desertificação” total, o niilismo total.

A transformação do supra-sensível em “nada”, que segundo Heidegger ocorre devido ao pensamento nietzschiano, faz com que somente a terra permaneça como ponto de partida de valores: esse é o campo no qual o incondicional domínio da pura potência se exerce sobre o mundo. A subjetividade nessa nova ordem é o além-do-homem, cujo pensar é a razão instrumental. A vontade de potência como razão “imaginativa” é contraposta a essa visão heideggeriana.

O além-do-homem, na concepção heideggeriana, deve considerar as coisas como máquinas para dominar a natureza: as coisas devem ser controláveis. Em outras palavras, o pensamento deve ter uma visão definitiva e imutável do ser do ente. Ao contrário disso, Cragolini nos apresenta a filosofia de Nietzsche como um pensar perspectivo ou de múltiplos caminhos.

O que todas essas contrafiguras fazem é por em relevo o caráter de certeza, de solidez da interpretação heideggeriana contra o caráter de uma fluidez que possibilita ao mundo inúmeros sentidos. A partir daqui e concebendo a vontade de potência como uma interpretação e não como um fundamento, Cragolini propõe a interpretação da vontade de potência como razão imaginativa, na qual é possível conciliar o aspecto estruturante e universalizador da racionalidade com a qualidade criadora, reestruturante e particularizadora da imaginação. Esse conceito de razão, encontrado em filósofos contemporâneos, tais como Marcuse, Ladrière, Ricouer, Horkheimer e Adorno (Cragolini 1, p. 10), permite escapar das limitações do pensar: apesar de não estar explicitada nas obras de Nietzsche, a razão imaginativa articula-se com o perspectivismo nietzschiano. Essa proposta admite o domínio de determinada interpretação, mas, compatível com a própria noção nietzschiana de luta, esse domínio é constantemente destruído, o que é refletido pelo surgimento de várias perspectivas.

Agora é Cragolini que pensa o não-explicito dos textos de Nietzsche. Só que agora está respeitado o abismo originário, a

ausência de fundamento (*Abgrund*) indicada no pensamento nietzschiano. Isso ocorre tanto com a razão imaginativa quanto com a análise do niilismo que a autora realiza para justificar o uso da própria razão imaginativa. Embora não esteja explicitado em seus textos, pode-se considerar que Nietzsche indicou quatro tipos de niilismo ou possibilidades práticas para a atuação do homem no sem-sentido do vir-a-ser, no absurdo da existência (Cragolini 1, p. 53-176): a) niilismo decadente: a filosofia do bem e do mal, com valores eternos instituídos de forma sobrenatural; b) niilismo integral: admite-se a origem humana dos fundamentos filosóficos e morais. Nada é verdadeiro e tudo é permitido. Sem uma atitude criadora, cai no desânimo ante o sem-sentido da existência ou ainda na busca de um fundamento ainda mais fortemente unilateral do que os abandonados; c) niilismo futuro: “verdades provisórias” são assumidas para destruir as “verdades” que negam a vida. Essas “verdades provisórias” são reconhecidas como “erros úteis” temporários que permitem abordar a vida em seus vários aspectos: o filósofo do niilismo futuro cria os sentidos (as interpretações) da existência. O caos não é negado, mas assumido como multiplicidade através de uma abordagem artística e re-criadora da vida. O eterno retorno, nesse contexto, configura-se como forma extrema do niilismo, ou seja, a afirmação da eternidade da ateleologia e do sem-sentido; d) “quarto niilismo”: o próprio caos, o abismo primordial (*Abgrund*), que não pode ser expresso pela linguagem.

O âmbito da razão imaginativa é o do niilismo futuro. O horror que o caos provoca é enfrentado com a construção de “fundamentos” provisórios “sobre” o próprio abismo. Esses “erros úteis”, reconhecidos como tais, como falsificações e máscaras, funcionam como critérios de uma determinada interpretação do mundo: impedem o perigo do vagar sem fim. Não se trata de criar pensamento e cristalizá-los, mas de criá-los e recriá-los⁽¹⁾. O “erro útil” é uma das chaves das contrafiguras apresentadas anteriormente. É a criação de sentidos provisórios e não últimos que permite que o

viajante atravesse o deserto do sem-sentido e não o carregue dentro de si: ao criar sentidos, o viajante traça seus caminhos. Ele não encontra sua morada em nenhum lugar: não fixa nenhuma interpretação como definitiva. O perspectivismo é o plano de viagem que não fixa apenas uma rota, que não opera uma síntese sobre a multiplicidade: assume a unidade como falsificação e o caminho é definido durante a travessia.

Há um aspecto muito importante da interpretação que Cragolini tece sobre a filosofia de Nietzsche: a autora não trai sua própria reflexão. A relação que é traçada entre a razão instrumental (e também a análise do niilismo) e o pensamento nietzschiano é a do “erro útil”: essa interpretação ordena as idéias dispersas e fragmentadas sobre o tema em uma “verdade provisória”, que em algum momento deve ser abandonada⁽²⁾. Não estamos diante de uma sistematização estanque que busca princípios que dão unidade, estrutura e retidão a uma doutrina (*arkhai*). O niilismo aparece como “um fio de Ariadne para nos orientarmos no labirinto da filosofia de Nietzsche” (Cragolini 1, p. 54): “erro útil” para enfrentarmos o pensamento nietzschiano. “Erro útil” que possibilita a travessia de qualquer “deserto”: a questão resolvida pela razão imaginativa é a de “como viver no deserto sem transformar em deserto a própria vida” (Cragolini 1, p. 7)⁽³⁾.

Da leitura de “Nietzsche por Heidegger: contrafiguras para uma perda”, o primeiro texto de Cragolini enfim publicado no Brasil, é a própria exortação nietzschiana à filosofia como risco, ficção e experiência que emerge.

Notas

- (1) Cragnolini nos dá uma imagem da razão imaginativa: o pêndulo do relógio. As posições extremas da trajetória do pêndulo, nas quais ele para por um instante, representam o aspecto estruturador, fixador do que é, da razão. Entre as posições extremas, há inúmeras possibilidades intermediárias, que são “recolhidas” pela imaginação, que recria sentidos (Cragnolini 1, p. 10).
- (2) “A idéia da perda supõe estar deixando sempre – constante despedida – alguns aspectos de seu filosofar para recriar aqueles que pudessem ter sentido na relação com a configuração da própria situação (individual ou social, situação que, ao ser pensada como entrecruzamento de forças, elimina – e mantém – as diferenças com os outros nós)” (Cragnolini 1, p. 7).
- (3) Em *Nietzsche, camino y demora*, o “deserto” que desafiava a própria autora era o vazio de sentido causado pela nossa tecno-ciência: “[...] a interpretação da vontade de potência como razão imaginativa deu-me a possibilidade de um conceito ‘prático’ para propor a pergunta sobre o que fazer, o que pensar e o que dizer no pós-nihilismo. A questão era, portanto, como viver no deserto sem transformar em deserto a própria vida” (Cragnolini 1, p. 7).

Referências Bibliográficas

1. CRAGNOLINI, Mónica B. *Nietzsche, camino y demora*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1998.
2. _____. “Nietzsche por Heidegger: contrafiguras para uma perda”. In: *Cadernos Nietzsche*, 10, 2001. São Paulo, Departamento de Filosofia/USP, p ??.

Abstract: This article aims at showing to Brazilian public, through “Nietzsche by Heidegger: countermarks for a loss”, the most important aspects of the reading of Nietzsche’s philosophy made by Cragolini. Criticising Heidegger’s way of interpretation, the author reveals the creative and antimetaphysical aspects of Nietzsche’s thought: together with a structural movement of reality (rational) there is an artistic movement of re-creation (imagination).

Key-words: metaphysics – nihilism – imaginative reason – instrumental reason